

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--22 de Agosto--1929

**OS TÓIS**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**170**

sempre

**fixe** semanario humorístico



Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 37

## O homem dos sete instrumentos



**Leitão Topa-a-Tudo, que acumula as mais variadas profissões, Fritz Linguíça do cinema nacional, homem de teatro, de letras, cheques e aguarelas, decorador de paredes, muros e tapumes, caixa geral de depositos de ordenados... emfim, ele é barros...**



# Os ditos da semana



### Electricos e toureiros

Não ha nada que mais se pareça com um mau toureiro do que a Companhia dos Electricos. A primeira vista parece um disparate, mas não é. A verdade é que a companhia é tão insensivel quanto um toureiro.

Antigamente todos os carros tinham ao Recto o estalido central, quer fossem do Lumiar, Bemfica, Dafundo, Pego da Passos, Rio de Janeiro, etc.

Agora, depois de um aumento de preços dos bilhetes, alguns carros passaram a fazer estalido nos Restauradores.

Bilhetes em ascenso, ninguém mais quer ir ao campo. Não se entende que andar de electricos seja sacrificio.

Porque depois da estalida dos Restauradores passamos a ser duvidados em termos de bilhete. Agora, depois de passarmos a ser trinta Bemfica no antigo F. L. C., Lumiar e Carlos. E depois do outro lado da rua, para a Companhia das Aguas. Mas nesse meio tempo a estalida dos Restauradores apparece quasi de repente e os carros de Bemfica, que estavam muito atabalhoados, estão agora muito atabalhoados.

De agora em diante não se entende mais a estalida dos Restauradores. Não se entende mais a estalida dos Restauradores. Não se entende mais a estalida dos Restauradores.

Quando se está a andar de electrico, não se entende mais a estalida dos Restauradores. Não se entende mais a estalida dos Restauradores.

Andar para quê. O sr. não tomou bilhete para a Avenida?

—Tomei.  
—Então que mais quere? Isto aqui Avenida é.

Mas agora dirá o leitor; —Porque é que a companhia se parece com um mau toureiro?

É muito simples. Porque o mau toureiro fica sempre susto desde que espeta um ferro no boi. Tanto lhe faz espeta-lo no caetano como a ponta do rabo. Tudo é boi. Assim é a Companhia. Para electricos e Restauradores.

mau toureiro fica sempre susto desde que espeta um ferro no boi. Tanto lhe faz espeta-lo no caetano como a ponta do rabo. Tudo é boi. Assim é a Companhia. Para electricos e Restauradores.

### Verdades

Snowden teve um condão de por tudo de canleiras as avessas na Conferencia Internacional de Hoge.

Desde que Snowden falou nisto, mais ninguém se entende. É tudo porque, ao contrario de velhos habitos, Snowden falou a linguagem da verdade.

É a mesma gente lá que anda para a frente, mas maravilhada de eloquencia, de habilidade diplomatica em que a palavra se não parece com o que se pretende. Snowden falou como zangão dentro da colmeia. Não era assim que se fazia dantes. E os discursos que estavam enfilados para lhe responder, não puderam sair.

Basileia isto para quem não sabe das abelhas se tornasse insidioso.

Agora é Snowden passa a usar os velhos processos diplomaticos ou os outros tem de por tambem as cartas na meza.

Em todo o caso verificou-se ja que a verdade, no meio de muitas mentiras, tem o aspecto irritante de uma mentira no passo que esta rebulge como a mais limpida das verdades.

É por isso que parece sempre mentira o que diz a nossa Verdades.

### O guarda-roupa

Não acaba afinal o guarda-roupa Cruz. Não acaba, nem pode acabar. Quanto menos dor de cabeça, quanto menos ele for procurado e menos talos, tambalões e sacas e tordamentos alugar, maior razão tem de existir, mais sera guarda-roupa.

Mas não se pode esquecer que não se trata de roupa que se deixa andar por fora com uns e com outros, porque perde o direito ao nome e a função.

O guarda-roupa Cruz continuata, pois, a ser guarda-roupa.

Mas para que a guardara Cruz?

Isso é que ninguém sabe, mas guardá-lo está o bocado para quem o ha de comer?

### O parque

Lá vaee indo... Ali trabalha se e aqui-lo ha-de ser uma coisa muito bonita lá para o ano de 2000. Não é que as obras estejam atazaladas. Os operarios não fazem cera, e, mais dia menos dia, as obras de arte estarão completas, a começar pela gróia de laca que se está construindo para uma colónia de grilos gigantes.

Daqui a pouco estarão prontos os arnuamentos a que nem faltam as pedrinhas de a calçada, os lagos, os centeiros do jardim, as escadarias, os monumentos, tudo enfim que ha-de tornar aquelle esdrachão da Rotunda numa verdadeira obra de arte.

Mas o parque? Quando se trata aquilo um parque? A avaliar pelo passado, não se tem duvida exceto marcar a inauguração do parque para o ano de 2000.

As outras árvores de arvores que lá estão se ao fim de trinta annos apareceram. Na proporção, outras duas dúzias estarão plantadas daqui a outros trinta annos. A não ser que se queira inventar um naturo sem arvores. Que, na verdade, creaturas menos exigentes podem preguntar.

Mas plantar arvores no parque, para quê?

## Gago Coutinho



O glorioso Almirante volta das costas do Brazil, a que nunca volta as costas, depois de ter dado algumas lições de historia e navegação a sabios historiadores e abalisados marinheiros.

### Sin'ra

Da Comissao de Inicialtiva de Sin'ra recebemos uma colleção de bilhetes postaes, que dão bem a impressão da pobre terra de maravelha.

Recebemos tambem o Programa Regulamento da H.F.X. posição de Sin'ra agricola pecuaria e industria. Aqui lhe fazemos referencia para auxiliar a sua propaganda. E se mais não se tem, porque mais não se sabe nas nossas terras e especialmente na nossa ilha.

E talvez seja util a publicação de um album com a historia de Sin'ra.

### A custodia

A custodia dos Jeronimos, depois de reparada pelo sr. dr. José de Figueiredo—porque ninguém mais repara nestas coisas—fez a sua aparição no Museu de Arte Antiga. Puzeram-lhe o que lhe faltava e tiraram-lhe o que tinha a mais. É sina daquela casa. Sempre se tira ou põe alguma coisa nos objectos que lá caem. Já assim foi com os paineis.



# THEATRO

## «RETROZ DRETO...»

**A** A... de...  
da... de 64 anos. Foi  
muito festejada. O camarão en-  
cho de flores e o seu no-  
do negro... que a avóinha  
estava agora mais nova e mais be-  
lta.

A carreira de A é uma 2ª...  
trala de... de... de...

A sua...  
da...  
As suas...  
centos...  
os...

El...  
uma...  
Ex...  
do...

El...  
rmos...  
bom...  
que...

Como...  
na...  
m...  
de...

N...  
de...  
na...  
de...

El...  
de...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...  
de...

A...  
de...  
de...  
de...

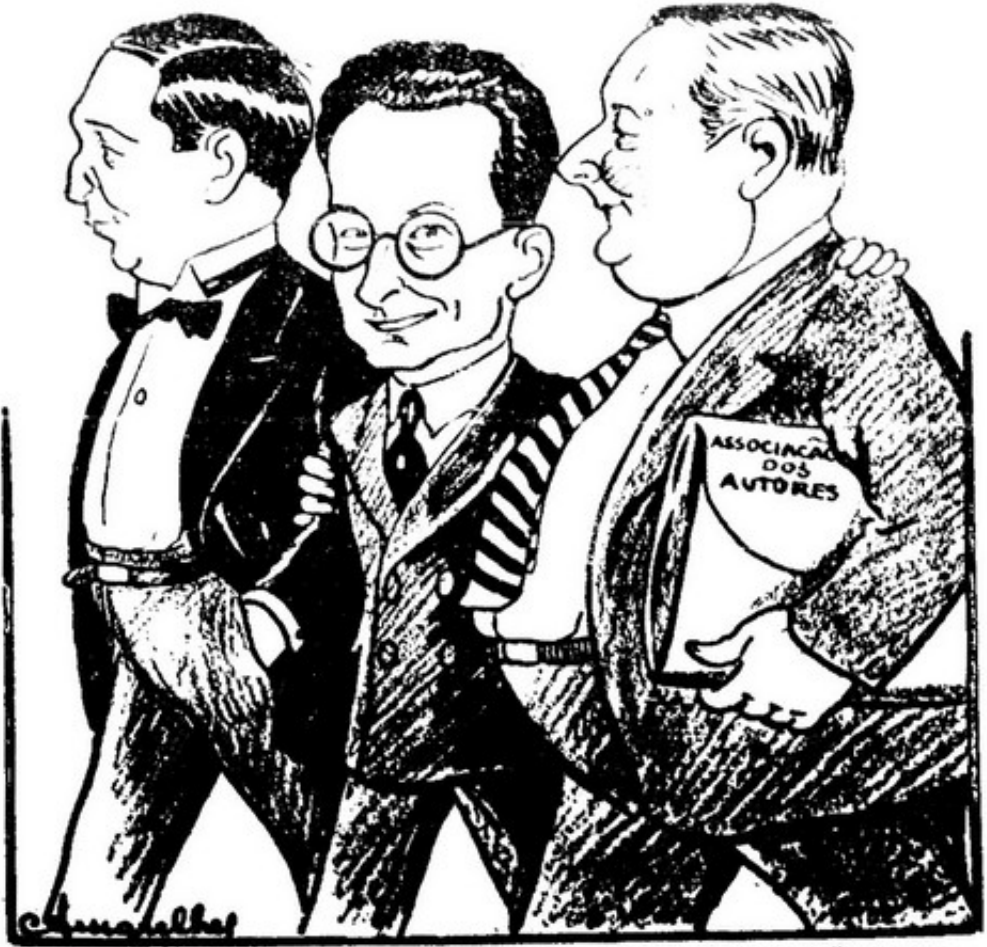
Adelina tem...  
e...  
sua...  
adecia...  
mas...  
e...  
Quando...  
do...  
se a...  
e, a...  
da...  
h...  
va, ter...  
di-»

Adelina, portanto, estreou-se aos 5  
anos, isto é ha 59 anos!  
Como os numeros falam e impõem  
respeito!  
64 anos de idade e 59 de teatro!



A esplendida revista «Chá de Parreira» teve o sucesso de nos dar a ressurreição... do Nascimento Fernandes.

ESTIMA...  
de...  
de...  
de...  
de...



Depois de ir à «Exposição» instalaram-se na «Cova da Piedade».

El...  
de...  
de...

QUASI...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

DEZE...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

ALWAYS...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

El...  
de...  
de...

AFINAL...  
de...  
de...

Não vai muito mau...  
Mas disseram-me que... com a fome...  
Bem sei o que vais dizer. Realmente, já começamos a comer os artistas...  
O que dizes? Os artistas?  
Sim, os patos. Foram ontem assados com arrós...

O Homem das 5 horas



# BOM HUMOR

— Eu cá não podia viver sem a musica.  
 — Mas... o senhor é surdo.  
 — De acôrdo... Mas sou fabricante de pianos...

\*\*\*

A generosidade de Angela:  
 — Santo Antonio, eu não peço nada para mim; mas dá depressa a minha mãe um genro bonito e rico!

\*\*\*

Entre noivos:  
 — Tu crês que um beijo possa comunicar a alguém qualquer doença?  
 — Não sei. A mim nunca...  
 — Nunca te deram um beijo, querida?  
 — ... nunca me aconteceu nada.

\*\*\*

— Mas tanto arrougea que tu pões nos lábios. Aurora! Sabes se o Jorge gosta disso?  
 — Não sei se gosta. O que sei é que prova muitas vezes.

\*\*\*

O nandigo: — Ha dois dias que não comi.  
 A dona da casa: — Espere um momento que eu vou chamar meu marido.  
 — Muito obrigado, minha senhora, mas eu não sou antropofago.

\*\*\*

A mãe: — Perguntaste que horas eram?  
 O gaito: — Sim, senhor. E' uma hora.  
 — O quê? Uma?  
 — Então? Disseram-me que eram quatro menos três.

\*\*\*

A viuva ingenua.  
 — Não chore tanto! O tempo é um grande lentivo!  
 — Não, não minha filha! Fui muito feliz com teu pai. Nada tenho a dizer dele! Só me queixo dele ter vivido tanto tempo...

\*\*\*

Marido e mulher:  
 Ele — E se eu te dissesse: morro amanhã...  
 Ela — Ora! Ora! Eu já sei o que valem as tuas promessas...

\*\*\*

— Já não roubas carteiras?  
 — Não, trespasssei o negocio ao meu cunhado!

\*\*\*

— Que graça! Minha mulher fugiu-me ha um mês.  
 — E é por isso que choras?  
 — Não! E' por que ella volta amanhã...



— Olha, Pepe é verdade que no teu coração ha um logarzinho para mim?  
 — Sim, filha, certo.  
 — E no carro?  
 (Do «Gutierrez»).

# ASNEIRAS HISTORICAS

Em Portugal, a grande e a pequena nobresa nunca primou pela sua illustração. Aparentam-se *calinadas* que fizeram a sua epoca e ainda hoje são recordadas jocosamente. Nem a falar nem a escrever os fidalgos foram irrepreensiveis. O que se deu com as velhas estirpes dá-se actualmente com o burguês novo-rico, fauna curiosa que daria um tratado completo de *asnografia*. Mas, vamos á fidalguia. Ha na Torre do Tombo um velho codice que nos conta pormenorizadamente silabadas e parvoíces de alguns dos brilhantes antepassados de casas solariegas. Não sabemos se a parceria que escreveu o *Conde-Barão* tem conhecimento deste manuscrito precioso. Se tiver empenho em consultá-lo, dirija-se a nos, que lhe diremos onde pode fazer a busca.

Oiga, pois, o leitor e espante-se. Ai pelo tempo de D. Pedro II, vivia em Lisboa, na rua dos Mouros, um familiar do Santo Officio, de nome João Correia de Lacerda, da familia dos Correias de Lacerda, do Rato, de quem foi irmão o genro de Luis Gomes, coronel padroeiro do Convento do Rato, de pas Colégio dos Nobres e actualmente a Politecnica. Alguem lhe gabou um dia as aboboras de Coz. Foi o suficiente para ele dizer em certa occasião: «São de boa qualidade as aboboras de fundilho. Mas ha mais. Um grande fidalgo antigo escreveu a seu pai desta maneira, sobrescritando: «A meu pai e senhora. Quem era esse fidalgo? José de Saldanha de Menezes, filho do governador do Algarve, Aires de Saldanha!

Mas... não para a serie. O secreta-

rio da Universidade de Coimbra, Bernardo Correia, procedia ao acto da matriculada dos estudantes quando viu entrar D. João de Menezes, a quem disse: «Se o sr. D. João é da letra F, chegou para cá...»

Agostinho de Barros, conego da Collegiada de Santa Maria de Alcaçova de Santarem, pregava uma vez um sermão. A concorrência era selectissima e a atenção com que o escutavam verdadeiramente respeitosa. A certa altura, o sermoneista entrou a dissertar sobre flôres e, para mais eloquencia do que dizia, teve esta frase feliz: «Nasce o cravo, a rainha das flôres...»

Eram assim alguns dos ornamentos da nobresa e do clero. Passaram os seculos e a «sasmirra» não enfraqueceu. Todos sabem o que se passou com um velho marechal do nosso exercito, que tinha o titulo de conde. Um dia, o oficial de serviço apresentou-se a participarlhe: «Meu marechal, o soldado nº 37 suicidou-se... duas guardas de castigo... atañhou prontamente o heróico militar. «Mas, marechal, acrescentou o oficial — o soldado suicidou-se... Resposta rapida: «Três guardas de castigo, amigo não brincam». «Mas, senhor conde, voltou ainda a repetir o oficial, esse desgraçado mortou-se». O marechal concluiu então: «Ah! agora compreendo, porque é que o senhor não me falou portuguezes».

Como se vê, a civilização não tem progredido muito até ao seculo XIX, em que vimos o nosso marechal conde...

N. B.

# Anedotas a esmo

Um veneziano e um grego discutiam sobre a excellencia das suas terras.

O grego, para provar a superioridade do seu pais, afirmava que fora da Grecia que todos os sabios, todos os filosofos tinham saído.  
 — Lá isso é verdade — diz o de Veneza — e é por isso que agora já lá os não ha.

\*\*\*

Encontraram-se num comboio um padre e um caixeiro viajante. Este, como quasi todos os viajantes, tinha a mania que era engraçado e esperto como um rato.

— V. R. é capaz de adivinhar — diz ele para o sacerdote — qual a diferença entre um padre e um burro?  
 — Ha tantas — respondeu o padre — que não é muito facil apontar uma.  
 — Pois a principal — volta o caixeiro — é que o burro traz a cruz ás costas e o padre a traz ao peito...  
 — Muito bem. E diga-me agora o senhor, qual a diferença entre um burro e um caixeiro-viajante?  
 — Não em nada — respondeu, depois de funda meditação.  
 — Essua de procurar. Não existe nenhuma.

\*\*\*

Certa senhora, muito gentil, gabava-se que dava á luz um filho com mais intelligencia com que engulia uma grama d'ovo.

E' porque a senhora tem uma roda muito estreita — diz um gregoso.

\*\*\*

Jantavam na melhor das companhias alguns ingleses e muitos franceses. A certa altura, algum bebeu a saude das damas.

Disse um inglês:  
 — Bebo a saude do belo sexo dos dois hemisferios.  
 Logo um francês:  
 — E eu bebo a saude dos dois hemisferios do belo sexo.

\*\*\*

Num baile, O porteiro, que é estúpido que nem uma porta, tem ordem expressa de fazer pensar os guarda-chuvas de todos os convidados.

Chega um sujeito.  
 — Pouse o guarda-chuva — diz ele.  
 — Mas eu não trago guarda-chuva.  
 — São ordens que recebi. Sem o pensar aqui, não entra.  
 — Mas... se eu não o trouxe...  
 — Vá busá-lo, tenha paciencia.

\*\*\*

Um noivo, assim que o casamento se celebrou, partiu para Sintra, onde jantou no Hotel Costa.

Na volta a Lisboa, perguntou á esposa do que tinha gostado mais.  
 Ella pareceu hesitar na resposta, mas, porque elle instasse, disse com tola a ingenuidade:

«Oha... do que mais gostei foi daquêl offical de cavalaria que ficou em frente de nos.»



— Você não tem vergonha de me trazer um guarda-chuva de outro?  
 — E' que o senhor não tem o do avô.

# O VENTO...



... principal accionista do Pernambuco



# Elevador da Gloria

Um tocador de flauta muito afamado deu um dia um concerto em certa cidade. Um dos seus admiradores, um fidalgo, convidou-o para ir no dia seguinte jantar com ele e sua familia.

O musico aceitou o convite, confessando-se muito honrado com ele.

— Olhe, disse o fidalgo, não se esqueça de levar a flauta.

— Não é preciso, retorquiu o musico, a minha flauta nunca janta.

\* \* \*

— Oh! compadre. Queres jantar comigo?

Assim falou certo Individuo para um seu compadre que o fôra visitar.

— Quero.

— Mas diz... Queres comer carne ou peixe?

— Carne e peixe...

— Pois está dito. Comeremos carne e peixe. Mas diz: queres jantar agora ou mais logo?

— En cá, diz o compadre, a-ho melhor que jantemos agora e logo.

\* \* \*

Tendo adoecido gravemente a esposa dum esportabão, mandou este chamar a melhora e disse-lhe:

— Tenho aqui nesta carteira 50 cont's, que são para o doutor, quer mate, quer cure minha mulher.

Pouco depois, a mulher morreu e o medico exigiu o ajustado.

Puxa o viuvo pela carteira e pergunta:

— Então o sr. doutor curou a minha mulher?

— Não, infelizmente. Não poudo ser.

— Então, matou-a?

— Não, homem; isso era uma barbaridade.

— Então, se a não curou, nem a matou, não estou obrigado a pagar-lhe. Bons noites, passe muito bem.

## Cada um no seu officio

Um illustre advogado  
O dr. Mario Monteiro  
Tem no *Diario* tratado  
Com um ar todo lampeiro

Assuntos de Medicina  
E' pecha dos portugueses,  
Será sempre a nossa sina  
Dos outros fazermos vezes...

Eu que sou medico, então,  
E' que venho protestar,  
(Vejam se tenho razão  
Estou aqui a versejar).

Tem-me dado que pensar  
Esta sua anomalia,  
E' caso p'ara perguntar:  
Que bicho lhe morderia?

Eu não sei se será crime  
Uma pergunta tão tósca...  
Mas agora convenci-me,  
Já sei: Está com a *móscã!*

Mario (Medico)



— Previño-o de que ele não é para brincadeiras.  
— E' torto?  
— Não... mas é capaz de o entortar.

(Do *grilo*).

# HISTORIA DO TOUCINHO

Ha alguns anos, era eu ainda menino e moço (e por sinal que muito simpatico) vivia com o Lopes Trovisco, companheiro de estudos e de noitadas, numa pensão estabelecida num 3.º andar, em Arroios.

Habitavamos o mesmo quarto, cuja unica janela dava para um exiguo saguão onde a luz a custo penetrava, como se costuma dizer nos quadros tristes das revistas.

No 2.º andar morava um velho celibatario, com duas manas velhas. No 1.º era o dono do predio que morava. Vinha a seguir o sr. João do Talho, que ocupava o rez-do-chão, e, na cave, de minusculos cubiculos, morava um casal de judeus, bisonhos, sempre metidos consigo e de quem a vizinhança murmurava fantasticas riquezas aferrolhadas nos recafios em escuros praticados nas paredes.

Faziam a sua cozinha no saguão, pondo uma só grande panela de ferro sobre um tripé, debaixo do qual crepitava a lenha de restos de caixotes, enchendo todo o saguão de fumo asfixiante.

Dai termos nos resolvido fazer uma partida aos judeus.

Por volta do meio dia, apagavam o lume e, colocando dois melcos junto da panela, serviam-se simultaneamente dela, ate se furtarem. Depois tapavam-na novamente ate á hora do jantar, em que repetiam com ansia a mesma operação.

Mas que partida lhes havemos de fazer? — interrogava eu frequentes vezes o Trovisco.

— Deixa lá, que eu hei de descobrir.

E, uma noite, ao recolher, confiou-me o seu projecto.

Ele prevenira-se com uma guita muito longa e um pequeno gancho de duas pontas. No dia seguinte, enquanto a panela estivesse a preparar a comida dos judeus, ele, servindo-se do gancho, pescaria a tampa, levando-a para o nosso quarto. Depois, como tinha muito boa pontaria, deixaria cair dentro da panela um grande naco de toucinho, que tambem já ali tinha preparado. Depois collocava-se outra vez a tampa com geitinho.

— Ora, como tu sabes — dizia-me ele — os judeus não podem suportar o toucinho. Quando eles vão a comer, sentem-lhe o cheiro, abespinham-se, procuram, encontram o toucinho e já não comem. Acreditam que foi o diabo e mudam de sitio para fazer a cozinha.

E assim foi. Para mais segurança, pedimos ao dono do predio que nos deixasse fazer a partida da janela da sua cozinha, alinhada com a do nosso quarto.

Ele achou muita graça (porque não podia suportar os judeus) e consentiu, recomendando:

— Tomem sentido, não sejam apaixonados. Seria um compromisso...

— Esteja socegado, sr. Freitas — respondemos, contentes.

E pôs-se a partida em pratica com a melhor resultado. Depois ficámos todos a espreitar a chegada do casal hebreu.

Ao meio dia, em ponto, ela appareceu, apagou o lume e voltou com um melco e uma colher, acompanhada do marido, equipado da mesma forma.

Sentaram-se, tossiram e levantaram a tampa da panela. Logo o cheiro pronunciado do toucinho se espalhou no ambiente.

Moises Habade, que era o marido, farejou com delicia:

— Mas que rico cheirinho!

— Não percebe. Eu só deito o azeite e os feijões de todos os dias...

— Vamos provar.

E provaram. Bateram depois um estalo com a lingua e tornaram a engulir outra colherada.

— Isto aqui ha coisa nova — commentou o Moises.

— Não sei. Vamos a ver.

E ambos rebuscaram na panela.

— Ha qualquer coisa — disse Raquel — mas não vem na colher. Eu vou por um garfo.

Moises engulia com estrondo colheradas sobre colheradas do saboroso caldo. Quando a mulher voltou, tomoulhe o garfo e, ajudando-se com a colher, pescou o naco do toucinho.

— Oh! que peccado! — gritou Raquel.

— Demais a mais hoje e sabado...

— Cala-te, mulher — disse o Moises. E, olhando para o alto, em todas as direcções, sentenciou:

— Se ha peccado, já esta feito. Isto aqui, se appareceu, foi porque o anjo Gabriel o trouxe.

— Olha lá tu, a ver se alguém esta a espreitar.

Nos escondemos. A mulher, logo a seguir, respondeu:

— Não ha ninguem a ver.

— Então vamos comer isto depressa, que é bem bom.

E á espera que o anjo Gabriel lhes traga outro naco de toucinho, nunca mais mudaram o sitio da cozinha.

C. de V.

# VIVA A FOLIA

Toda a gente diz empavonada que o país vive em maré de rosas; que a divida de guerra já está em paz e que o tesouro publico não tem difficuldades para solver os seus compromissos. Enfim: os cões deixaram de existir; já não temos o perigo de ser mordidos nas canelas. Uff! O alfaiate cheio de massa, de tipo unico, não nos apouquentará mais a porta, o desmo succedendo ao padreiro, que de massas esta ele farto. Para que falar no merceiro? Este, de chouricinhos bem engraxados e de queijos devidamente conservados, em lugar de nos mandar a conta, enviarnos-ha um cartão de cumprimentos perfumados a *Miss City*.

Tudo assim sera, se, porventura, sr. Gregorio, que é o patrono dos *te-zos*, o entender.

Mas, não nos explicarão o motivo porque, apesar de todo este desafogo, que ate põe, permanentemente, a barreira de luminarias, o pobre consumidor vê, dia a dia, agravar-se as condições de existencia, a ponto de não ganhar para comer, para as solas, — ha tanto coitão! — para as cuecas, para a *fatidha*, para o *peante*, para o *ofthalmologista*, que a vista precisa de ser limpada, e, finalmente, para ser bem odada, que a *casca* do *bo* o *leirão*. Roma e verdade.

Seria bem bom que os tempos mudassem. Quem nos dêra o tempo da *chita* e do *guitos*, de tão saud sa memoria!

O tempo de sa alliança patico, por mais que se ralem, já não volta, nem o proprio *peixe espada*, que era applicado tão gentilmente pelos *guitas* de *cavalarias altas* e pelos *marcos* de *modos toticos*.

Podem, pois, os novos tempos girar, a plenas pulmões, que a crise no país a duma historia; nos, prevendo o futuro, simplesmente contrapõem que esta vida e uma coisa muito dura de roer. O Varela, rei dos astrologos, o unico detentor de Marte na Terra, e quem nos avisa — quem nos avisa nosso amigo e.

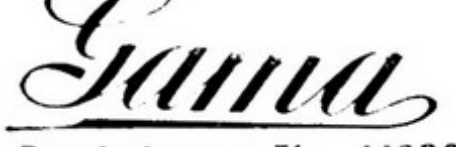
E toda a gente diz empavonada que o país vive em maré de rosas; que a divida de guerra já está em paz e que o tesouro publico não tem difficuldades para solver os seus compromissos. Ora, pois... vezes de novos rios, são como as dos jumentos; não chegam... a Lua!

Valha-nos a Nossa Senhora d'Agrela, que é esposa de S. Caetano, e que não ha nenhuma como ela!

lvinho.

## Quereis dinheiro?

Legal ne



Rua do Amparo, 51 — LISBOA  
Sempre sortes grandes!



— Então você, seu maroto, apesar de convidado, não quiz ir ao meu casamento?  
— Desculpa, mas para o primeiro não ha tempo.

## Influencia do meio



— Isto é um fenomeno! Seu marido e a senhora são...



## Oh! escolas semeae...

Houve um governador da Província de São Tomé que se chamava Baltazar e era casado com uma senhora de nome Pulqueria.

Funcionava na cidade uma escola dirigida por um professor indio, que aos quadros suspensos nas paredes chamava *parietaes* e aqueles que estavam pregados nas portas intitulava *in portis*. Ha destes *professores* felizmente *mortais*.

Era um tipo exótico. Magro e alto, como um candieiro da rua Augusta, sempre de botas de elastico com as orelhas de fora. Vaidoso, como são os indios, julgava-se uma sumidade na pedagogia. Quando falava da escola que dirigia, exclamava com uma certa importancia:

— Lá na minha Politecasicinha... Uma vez, o governador avisou que ia fazer uma visita á escola para ver as obras que a mesma necessitava e tambem para apreciar do estado de adiantamento dos alunos.

O indio rejubilou. Mandou buscar flores, com as quais ornamentou duas cadeiras de espaldar que se destinavam ao governador e á esposa e igualmente engalanou uma ampliação do chefe da colonia com bandeirinhas de papel.

No dia seguinte, pelas três horas, chegou á escola o governador, com a esposa e ajudantes. Os alunos levantaram-se em sinal de respeito e a um sinal do governador, tudo se sentou novamente.

Devidamente instalados, fez o professor uma pequena allocução, congratulando-se pela visita de tão illustre personalidade, e em seguida, dirigindo-se ao quadro, escreveu: «Baltazar e por baixo «Pulqueria», ordenando aos meninos que soletrassem aqueles nomes. Os pequenos, em côro, soletraram sílaba por sílaba:

— Bari que bari, tari qui tari, zari qui zari — Baltazar.

E logo a seguir:  
— Puri qui puri, queri qui queri, ria que ria — Pulqueria.

M. A. Caco Velho.

**ATUM EM AZEITE?!**

**Só TENORIO...**

MARCA REGISTRADA

Sortes grandes?

só o PINA as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77



Já sabe que não veio de França!

TAC-TAC-TAC

# Silverio, o filosofo

O meu amigo Silverio, que todo o bom frequentador do Bernardo — a mais lusitana de todas as adegas *chics* de Lisboa — conhecia e estimava, tinha um grande nariz muito vermelho, em forma de bola de bilhar na ponta, a boca grossa, a que o belço inferior muito descaído dava o ar da mucosa apreensora duma mula, tinha os olhos piscos e pequeninos, movendo-se constantemente, e usava um velho casaco acertoado, cujos bolsos, além do fim especial de guardar o lenço e o tabaco, desempenhavam o papel de dispensa, cheios que andavam sempre de pão, chouriço, ovos cozidos, pasties de bacalhau e outras vianda.

A mistura, trazia sempre diversos originaes para futuros tratados de Estetica, que ao mesmo tempo serviam para embulhar as virtualhas, cuidadosamente impedindo que a posta de pescada frita contactasse, em promiscuidade repugnante, com a fatia de carne assada que guardara da vespera, em que jantara com um velho amigo, como eram todos quantos lhe davam de comer.

Ora o que a Silverio mais agradava era fazer-se ouvir pelos frequentadores da celebre adega, quando debitava as suas maximas e rifões po-

pulares modificados, dizia ele pela sua sabedoria e experiencia.

Do vasto repertorio guardei alguns que, para amostra, ofereço hoje aos leitores do *Sempre Fixe*.

Lições:

### PENSAMENTOS, MAXIMAS E RIFÕES

Para quem quer comer, vale mais uma cabeça de carapau do que o Cabeço de Bola.

Sempre que encontro um crédor... lembro-me de S. Francisco.

Ha mais variedades de parasitas do que de policias.

Quem quer vai; quem não quer... não vai.

Quem tem telhados de vidro... faz da sua casa uma estufa.

A pobre não peças e a rico não emprestes; — um não tem; outro não paga... porque se está nas tintas.

Ha certas mulheres que são como os alhos na terra: por cima, muito verdinhos; por baixo, cheiram mal que tresandam.

Se não houvesse mau gosto, o que seria... das pernas tortas!

### Cirano de Velhofrac.



## A GATA E O RATO

### “A Peninha” “Restaurant”

O seu proprietario previne os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos e clientes que reabriu este acreditado “restaurant”, na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este “restaurant” encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

SEMPRE FIXE

## Prosa de Cha-Velho

Porque domingo ultimo não houve tourada no Campo Pequeno que dê assunto para *Prosa de Cha Velho*, e porque seja assunto passado o da vinda de Sidney Franklin — um toureiro de Nova York que sabe tanto de touras como alguns «aficionados» de Lisboa — vamo-nos hoje socorrer de duas historietas do catalão Bagaria, mestre da caricatura e da legenda, como adiante se verá pela tradução das legendas sem auxilio das caricaturas.

### 1.ª historieta: «O Elefante Agradecido»

Um ingenuo elefante ficou preso numa armadilha em pleno sertão. Mas o bom Scot passou por ali e, compadecido, livrou-o do seu desventurado captivo.

Alguns anos depois, o bom Scot foi a um espectáculo de circo e ocupou uma das ultimas filas de cadeiras.

Casualidade das casualidades! O tal elefante, novamente agarrado e fazendo parte do espectáculo ao serviço dum domador, reconheceu o seu primeiro libertador e, com grande assombro do publico, atargou a tromba e, agarrando o bom Scot, colocou-o, em prova de reconhecimento, na primeira fila de *fauteuils* de pista.

### 2.ª historieta: «As coisas que a fome inventa»

O pobre Perez passava uma fome negra e teve uma ideia maravilhosa, que consistia em comer um homem vivo ante o publico, e com esta ideia luminosa apresentou-se a um empresario, o qual aceitou a ideia; e pelas ruas annunciou-se em cartazes o nunca visto espectáculo do *all-mam Antropofago*.

Chegou o dia do espectáculo e o empresario apresentou Perez, o comedor de homens vivos. E Perez, convencido de que ninguém subiria ao palco, rogou ao publico que um dos presentes subisse para se prestar á experiencia.

Oh! Surpreza! Ao contrario do que ele esperava, apresentou-se um pandego, que disse: — Aqui estou para que o senhor me coma!

O pobre Perez rogou-lhe, suplicou-lhe, em voz baixa, que se fôsse embora, que lhe daria dinheiro, etc. E nada, o pandego, com aplauso do publico, insistia em que ele o comesse vivo.

E o pobre Perez, para salvar a situação, não teve mais remedio que realizar o anunciado, dizendo: — Ento, tire o casaco!

O pandego despiu o casaco e Perez, sem compaixão nem appetite, deitou-se-lhe ás dentadas a um braço.

Foi então que o outro, vendo que a coisa era a serio, fugiu, como é natural, e a toda a pressa, convencido de que ia ser realmente comido vivo!

Pela tradução,

### Perez la chaise.



Já sabe que não veio de França!





O que se diz e o que se não deve dizer

# A misantropia de um navegador solitário

Assinada pelo sr. conde de Fontalva, recebemos a carta seguinte, que publicamos por não estarmos habituados:

«Caldas da Rainha, 16 de Agosto de 1929. — A Comissão Organizadora das Provas Automobilistas que foram levadas a efeito nesta cidade nos dias 10, 11 e 12 do corrente, vem apresentar a V. Ex.ª os seus mais sinceros agradecimentos pela valiosa cooperação e manifesto interesse que V. Ex.ª se dignou dispensar-lhe para a sua boa realização, concorrendo com o seu tão precioso auxílio para o invulgar sucesso que as referidas Provas obtiveram.

«Pelo obsequio dispensado e a confessa muito reconhecido e com a maior consideração,

De V. Ex.ª, etc.

O Presidente da Comissão,

(u) Fontalva.

\*\*\*

A assembleia geral ordinária da Associação de Futebol de Lisboa, realizada para apreciação do relatório e contas e para eleição de novos corpos gerentes, prolongou-se varias noites.

No fim da batalha, a opposição estava batida e efectuava a chamada retirada estratégica.

Durante a contenda, e após ela, um diário da manhã tem publicado uns artigos de mal encoberto apoio a opposição e verdadeiramente disfrutáveis. O autor sentiu de repente nascer, como uma borbulha, o geito para articulista político. E é que o tem, o diabo do homem. Quando quer distillar uma insinuação, envolta em mal transparente nevoa — com tão retorcida arte a envolve que a deixa incompreensível de todo. Mas se, pelo contrario, deseja esculpir a politica que lhe convem, logo a põe a descoberto com uma ingenuidade verdadeiramente infantil.

No ultimo artigo, já depois da derrota, afirma-se que um vendedor de suspensorios e peugas era a figura de mais alto valor entre os opposicionistas. E faz-se-lhe o concomitante panegirico.

Está bem! Está mesmo perfeitamente bem!

\*\*\*

Não houve jornal nenhum no mundo que se não referisse, muito ou pouco, ao francês Alain Gerbault.

Deve considerar que esse tipo de portivo me foi sempre instintivamente antipatico. E imagine-se qual o meu espanto ao deparar com um artigo do seu compatriota Clement Vautel, contendo afirmações como as seguintes:

«Eu sou da opinião de Emerson, que dizia ser facil viver como solitario na solidão — e que o verdadeiro forte é o que vive entre os homens como se estivesse só.

«Alain Gerbault tem extraordinarias qualidades de energia, de sangue frio e de tenacidade, mas parece-me que as emprega muito mal. Porque as põe ao serviço duma especie de orgulhosa misantropia? Para quê, ser o heroi do inutil?»

«Deploro que um tal homem tenha lançado o mais pueril dos desafios a uma civilização que é muito comoda de evitar, mesmo numa casa de noz... Os verdadeiros heróis são os que servem. E o sabio que arriscar a sua vida aperfeiçoando uma descoberta benéfica para a humanidade parece-me infinitamente mais admiravel do que Santo Simeão empoileirado na coluna, ou do que o seu verdadeiro imitador, o ermita do Fircroft.»

O francês foi condecorado. E se a roseta da Legião de Honra lhe é agradável, conclue-se que Alain Gerbault não é o homem livre e orgu-

lho cuja misantropia parece tão digna de espantos.

O homem levará para os desertos liquidos a coleira que a civilização lhe enfiou. E enquanto não parte de novo, o navegador solitario anda de festa em festa, de termas em termas, e de casinos em casinos.

A misantropia é uma coisa muito engraçada.

\*\*\*

Anuncia-se para breve um rallye automobilista a Vila do Conde. A lista de premios é respeitavel e ouvintes fular num primeiro premio de 10 contos, num segundo de 5 contos, etc.

Em que consiste a prova? Numa coisa puerilmente facil e agradável. Um cidadão automobilista agarra no carro, metelhe a familia dentro e vai passear até Vila do Conde, mantendo a media de 30 quilometros a hora. E após este passeio, arrisca-se a que ainda lhe metam 10 contos na mão!

Rebola-A-Sola.

\*\*\*\*\*

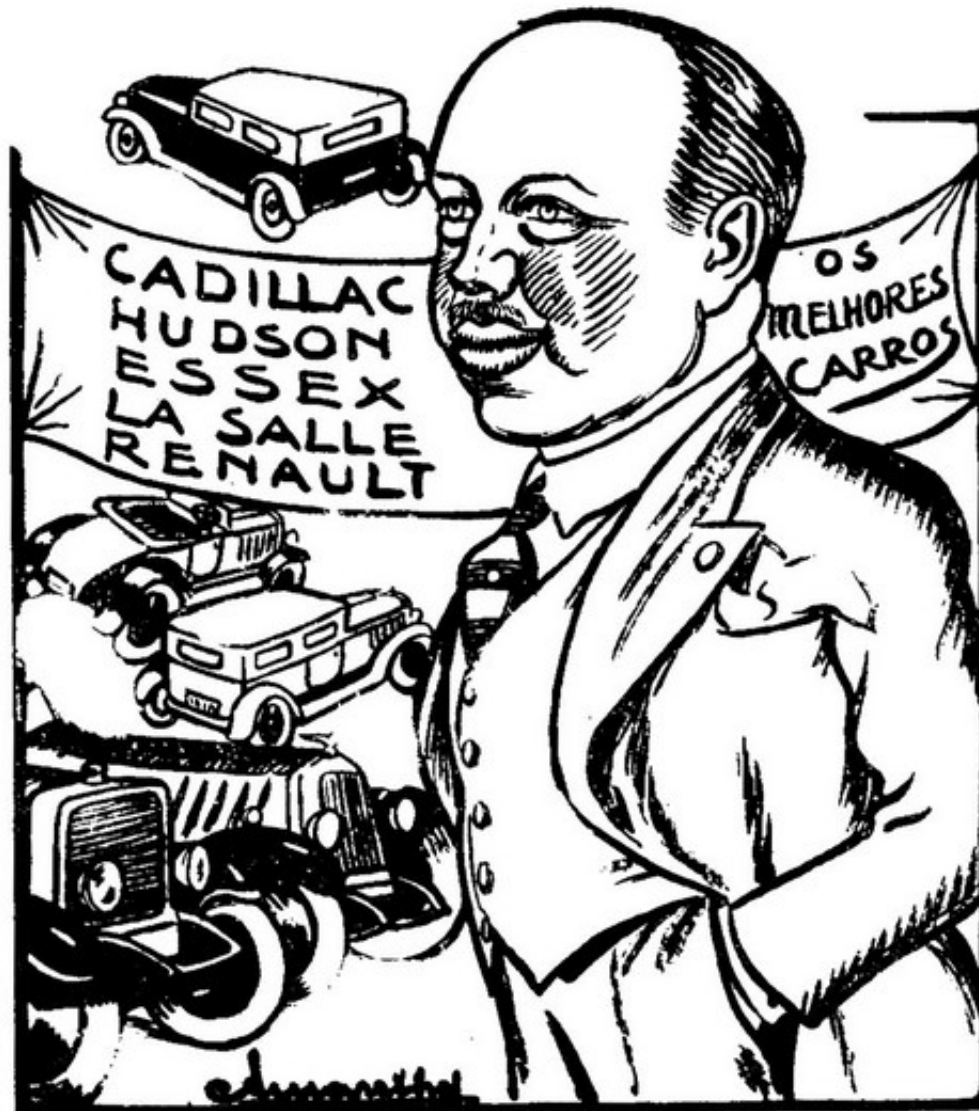
## O cão bom e o cão bonito

(De Os Sports de 2.ª feira)

Tudo o que se se prezava tem esqueleto. Quer o cão seja branco ou todo preto, Segundo a teoria de C. B., que escreve sobre cães e sobre caça, Um cachorro de raça Tem esqueleto tal qual como você É segundo C. B., o arábico do esqueleto do cão é feito de ossa A cabeça por dentro tem miolo, Sem ao cão e tolo, Talvez um tubo nada fio de Escocia Mas a caixa que envolve o pensamento Do cachorro que é bom e que é bonito É toda ossa, Mais dura que basalto ou que granito. Escutai um momento A novidade que o mestre nos vai dar: «O cão tem quatro patas para ardar.» Sei agora, senhores:—Oh! que ventura Que C. B. me ofereceu. Que um cão possui osso xifoideu, O qual dura Até o pobre bicho falecer.

Em segredo uma coisa vou dizer Que não é uma senhora nem tolo;

## Sebastião Teles



Uma loja de homens, porque as mulheres parecem que preferem as lojas e uma loja de mercas de auto-

loidade que deu origem ao dito — Aviação Sebastião.

Zé Maria.



# ECOS DA SEMANA

OS NOSSOS GALINACEOS  
'COQ'...TISAM-SE PARA IR  
A LONDRES



(NESTA  
ALTURA  
VALE A  
PENNA  
SER  
GALINHA)

NA CÔTE DU SOMMEIL

CIDADE DE MARMORE E GRÃOITO  
JÁ HA CANDIEIROS-NABOS E CASAS-GRÃO

BREVEMENTE TERE-  
MOS RUAS - FEIJÃO  
BRANCO E PAS-  
SEIOS-CENOURA



LISBOA CIDADE VEGETAL

AGORA É QUE ERA POR TUDO A  
CAVAR - ESTUDANTES - SOLDADOS -  
ESCOTEIROS-ETC. NÃO DEVIA FICAR  
UM SÓ GRÃO DE TERRA SEM UM GRÃO  
DE TRIGO.

VIVA A  
CAMPANHA  
DO TRIGO



NÃO FALTA TUDO  
PARA LA' (HEGARMOS)  
(SALVO SEJA)

AFIMLE É "FITTA" - O QUE DA' A  
VOLTA E' A TERRA E O  
ZEPPELIN, LA' MUITO ALTO,  
PÔE-SE A TOSCAR.

OS PERITOS CON-  
CLUIRAM QUE FOI UMA  
ROCHA QUE CHOCOU  
COM O'EA:  
ÉA O QUE SE DIZIA...

DEVIDO A UM FENOMENO  
PICARÊTÓ - SISMICO DESAPARECEU  
O CONVENTO DAS FRANCESINHAS  
FICANDO EM SEU LUGAR A  
PENHA DAS MESMAS.  
(CU A APANHA)



PARA EMBARRILAR  
HA DOIS CONHECIDOS PLANOS -  
UM É O PLANO INCLINA-  
DO DE ARCHIMEDES,  
OUTRO É O PLANO INCLI-  
NADO DE "YOUNG"

